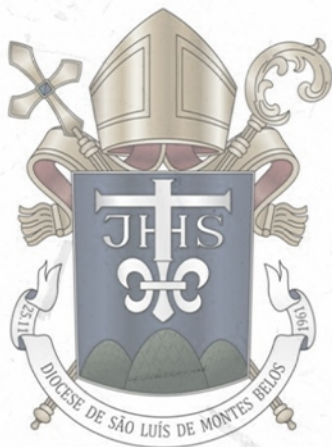


Vº PLANO DIOCESANO DE PASTORAL



Discipulado e Missão

Alarga o espaço da tua tenda (Is 54,2)





**PLANO DIOCESANO DE PASTORAL
2024-2028**

Discipulado e Missão

Alarga o espaço da tua tenda (Is 54,2)

RESPONSÁVEIS:

I^a Assembleia do Povo de Deus
Conselho Diocesano da Pastoral e Missão
(CODIPAM)

Foranias

Paróquias

Comunidades

Coordenação Diocesana de pastoral

Agentes de pastoral

Pastorais estruturais

A Igreja existe para ser e fazer discípulos-missionários, aumentando cada vez mais o número daqueles que seguem o Cristo. Tudo na Igreja é missão. A começar pelo empenho cotidiano no dia a dia da Paróquia, as atividades de leitores, acólitos, cantores, organizadores de eventos, serviço da caridade, tudo é missão. A missão é rotineira na vida do cristão. Nenhum serviço pastoral é desprovido dessa natureza (Dom Lindomar Rocha Mota).



1ª Assembléia do povo de Deus

SUMÁRIO

OBJETIVOS	9
GERAL	9
ESPECÍFICOS.....	9
I. PRINCÍPIOS NORTEADORES	11
Discipulado e Missão	11
Alarga o espaço da tua tenda (Is 54,2)	13
II. MEMÓRIAS E PERSPECTIVAS	15
1. Evangelizar no novo milênio	15
2. A atualidade do Documento de Aparecida (2007)	17
3. O Evangelho da alegria.....	19
III. O QUE A ETAPA DIOCESANA DO SÍNODO DISSE SOBRE NÓS?	25
IV. URGÊNCIA DA NOVA EVANGELIZAÇÃO	31
A. Anunciar o Evangelho	33
B. Cuidar da família.....	34
C. Fortalecer a identidade cristã católica	34
V. O PROCESSO DIOCESANO ATUAL	37
ESTRUTURA DIOCESANA	39
ANIMAÇÃO PASTORAL	40
EIXOS PASTORAIS	40
1. Iniciação à vida cristã	40
2. Vida e comunidade	42
3. Caridade e missão	44
ESTRUTURA FORÂNEA	45
ESTRUTURA PAROQUIAL	45
VI. PERSPECTIVAS	47
1. Renovar A Paróquia.....	47
2. Ser uma Igreja em Saída.....	48
VII. PISTAS DE AÇÃO PARA O QUADRIÊNIO	51



Iª Assembléia do povo de Deus

Apresentação

Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15), foi o último mandamento de Jesus a nós. Desde então seguimos esta determinação e nos esforçamos, em todo o tempo, para não trair a sua confiança.

Para orientar os objetivos e aprumar os caminhos, a nossa amada Diocese lança, agora, o seu *quinto Plano Diocesano de Pastoral*, para iluminar e inspirar às nossas quarenta e duas paróquias e cerca de quatrocentas comunidade deste Oeste goiano. Além de colher as contribuições do tempo presente que a Igreja universal nos oferece, como o espírito de Sinodalidade e a alegria jubilar de peregrinarmos na esperança, o atual Plano, recolhe, principalmente, a inspiração de suas foranias, agentes de pastoral e fiéis de nossa caminhada.

Assim, a partir do diagnóstico e das perspectivas encontradas, voltamos ao espírito da Conferência de Aparecida, e estabelecemos como urgência a concentração de nossos esforços e atividades na missão de **Ser e fazer Discípulos**.

Auxiliados, agora, pela proteção de São Luís Gonzaga e pela intercessão amorosa de Maria, Mãe da Santa Esperança, viveremos estes quatro anos seguintes marcados por essa responsabilidade e fidelidade ao mandamento que recebemos do Senhor.

*São Luís de Montes Belos, Páscoa de 2024.
Dom Lindomar Rocha Mota*



Iª Assembléia do povo de Deus

OBJETIVOS

GERAL

Evangelizar juntos com alegria e espírito sinodal, partilhando responsabilidades e protagonismos para anunciar o Reino de Deus e a construção de um mundo mais solidário e fraterno.

ESPECÍFICOS

- Promover nas paróquias e comunidades a Animação Bíblica da Pastoral, como princípio da conversão ao estado permanente de missão;
- Expressar nosso esforço e corresponsabilidade para ser um ***Igreja em saída***, como discípulos missionários;
- Fortalecer o anúncio da Palavra em nossas comunidades missionárias;
- Formar líderes e animadores de comunidades missionárias;
- Renovar as práticas e atividades paroquiais;
- Estabelecer vínculos de unidade entre os missionários da paróquia;
- Apoiar espiritualmente os membros da paróquia;
- Buscar os que se encontram desgarrados e longe da fé.



I^a Assembléia do povo de Deus

I

PRINCÍPIOS NORTEADORES

Discipulado e Missão

A Igreja começa com o anúncio. Os Apóstolos encontram-se diante da responsabilidade e do desafio de anunciar o *Kerigma*. O Núcleo desta pregação é a vida de Jesus. O anúncio acontece com o testemunho que brota da experiência que todo discípulo faz da morte e ressurreição de Jesus e da acolhida do dom do Espírito. A aquisição da certeza Pascal, de que Cristo está vivo e continua a nos guiar, coroa o longo itinerário do discipulado.

Ser e fazer discípulo é a primeira urgência da Igreja. O foi para a Igreja primitiva e continua sendo em nosso tempo.

Os que se converteram primeiro, testemunharam desde o início em quem acreditavam, como nos faz ver a pregação apostólica que, em muitas ocasiões, falou sobre a morte, ressurreição e a salvação de Jesus oferecida a todos. Em Pentecostes, Pedro proclama essa novidade *às pessoas das diferentes nações reunidas em Jerusalém* (At 2,22-36). Em seguida, João se dirigindo, *especialmente aos israelitas, também fez o mesmo* (At 3,12-16). E, reunidos diante do Sinédrio, *apresentaram um testemunho corajoso da sua fé em Cristo ressuscitado* (At 4,8-12; 5,30-32).

O anúncio da morte e ressurreição de Jesus, de sua exaltação à direita do Pai, é acompanhado pelo convite à conversão e à vida nova. Diante da pergunta *o que devemos fazer?* (At 2,37), apresentada por aqueles que se encontravam em Jerusalém, por ocasião de Pentecostes, Pedro responde e os estimula *ao arrependimento e a conversão, através do batismo* (At 2,37-41). A acolhida da salvação e da vida nova em Cristo

transforma os convertidos em discípulos que passam a testemunhar a fé, anunciar a boa nova e intensificar a força do testemunho, provocando a reação dos ouvintes.

Nós anunciamos Cristo, e Cristo Ressuscitado (1Cor 1,1-26). A Ressurreição é o grande acontecimento. Ela é o *Kerigma* fundamental de nossa fé. É com ela que seguimos ao lado daqueles que responderam positivamente à pregação dos Apóstolos com a acolhida da salvação em Cristo.

Verificamos também que ao lado dos muitos que acolheram a Boa Nova, testemunhada pelo Senhor, coexistem um grande número daqueles que rejeitaram o Evangelho. Uma reiterada recusa no coração de um significativo número de irmãos que, como naquele tempo, também hoje, imitam a postura do Sinédrio, *e rejeitam Cristo em suas vidas* (At 4,15-20; 5,33).

Há, ainda, outros irmãos que não se convertem pela falta de Anúncio. Alguns, cuja beleza do Evangelho e da Igreja ainda não os alcançaram. Há muitos corações ardendo e desejosos pela Palavra de Deus, como aquele homem a quem Felipe anunciou *a boa notícia a respeito de Jesus* (At 8,35).

Para estes, que representam a grande seara do Senhor, é que devemos trabalhar para fazê-los discípulos, pois, como a terra fértil, seus corações estão prontos para receber a boa notícia. Acolherão com alegria e sem reserva a fé e o batismo.

O anúncio que fundou a pregação dos primeiros discípulos e mudou a vida de Saulo, transforma-o de perseguidor implacável dos cristãos em apóstolo do Evangelho (At 9,1), também transforma as nossas próprias vidas.

Alarga o espaço da tua tenda (Is 54.02)

Nós, os cristãos, recebemos a recomendação de anunciar o Evangelho pelo mundo inteiro. Também aqui e agora somos desafiados a dar continuidade a essa tradição de ser e fazer discípulos, como nos recordou a Conferência de Aparecida. O discipulado só pode nascer a partir do amor que sentimos por Jesus, da crença indestrutível em sua Palavra e da vontade de nos tornarmos mais fortes vivendo em comunidade.

O discípulo sente alegria e amor antes de anunciar, assim como nos recorda o Papa Francisco: “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daquele que se encontra com Jesus” (EG, 1). Primeiro encontramos Cristo como um tesouro que passamos a estimar mais do que tudo e, depois, O distribuímos com os outros.

O pastoreio e a evangelização estão juntos. Evangelizar, dar Cristo aos outros, é a missão; o pastoreio, os métodos e meios para fazer com que Ele chegue aos corações, a começar pelos que mais precisam.

Cristo é a Palavra. Nós somos anunciadores desta Palavra. Em nosso tempo essa Palavra ainda brilha sobre outras alternativas e oferece um caminho seguro para homens e mulheres que buscam a Deus. No espírito novo de comunhão e participação, que nos desperta a partir do Espírito Sinodal que a Igreja entrou a partir de 2021, chegou a hora de assumirmos juntos a nossa condição de discípulos e discípulas do Senhor. É hora de vivermos sem medo, abandonando tudo que nos possa separar de Cristo e anunciar com coragem que Ele é o nosso único Senhor.

Neste caminho precisamos redobrar a coragem, pois, tendo adentrado um quarto de século do novo milênio, estamos diante de provocações próprios do nosso tempo. Questões que

nunca existiram antes e coisas que os olhos jamais viram acontecem pelo mundo.

Este mundo de tantos desafios é também um lugar de oportunidades. Nele a Palavra de Deus pode ser anunciada de diferentes modos e adentrar espaços que antes não era possível. A tenda da Igreja, deve agora, alargar-se ainda mais, a fim de acolher a todos que buscam o repouso de sua sombra e a convivência sob o pastoreio do único Senhor.

II

MEMÓRIAS E PERSPECTIVAS

Agora aproxima-se a meta dos primeiros vinte e cinco anos do século XXI, e somos chamados a realizar uma preparação que permita ao povo cristão viver o Ano Santo em todo o seu significado pastoral! (Papa anuncia o Jubileu de 2025).

1. Evangelizar no novo milênio

Uma das riquezas do Povo de Deus sempre foi a capacidade de *fazer memória*. O passado sempre ilumina o presente e aponta para o futuro. Quem dirige um automóvel sabe ser quase impossível avançar para a frente sem um olho no retrovisor. É sempre bom reavivar a memória ou recordar, trazer ao coração alguns momentos fortes da Igreja e perceber que *a história está grávida de Jesus Cristo* (Santo Agostinho, 354-430). Já próximos do *Jubileu de vinte e cinco anos* do século XXI, revolvemos traçar o itinerário percorrido pela Igreja, diríamos Universal e, partir dele, a acolhida e a ressonância da evangelização em terras brasileiras.

Na Solenidade da Epifania do Senhor de 2001, por ocasião da conclusão do Grande Jubileu do Ano 2000, o então Papa João Paulo II, assinou, ao final da celebração eucarística uma nova Carta Apostólica intitulada *Novo Millennio Ineunte*, ou seja, o Novo Milênio que se inicia. Nesta Carta Apostólica o Papa faz um balanço do Ano Santo e indica as perspectivas para a caminhada da Igreja após o Jubileu; depois de falar de um *renovado encontro com Cristo, um Rosto a contemplar*, em tom sério, o pontífice exorta vivamente as Igrejas Locais do mundo todo, partindo de Cristo, a programarem a pastoral com vistas não mais com ações tão imediatas como a preparação do Ano Jubilar, mas

sim, voltadas ao horizonte mais vasto e comprometedor da pastoral ordinária (NMI, 29). Com palavras cheias de Evangelho a Igreja é desafiada *a mergulhar em águas mais profundas* (Lc 5,4): “Ao celebrarmos os dois mil anos do nascimento de Jesus, um novo percurso de estrada se abre para a Igreja, ressoam no nosso coração as palavras com que um dia Jesus, depois de ter falado às multidões a partir da barca de Simão, convidou o Apóstolo a ‘fazer-se ao largo’ para a pesca: ‘*Duc in altum*’ (Lc 5,4)” (NMI, 1). À época, a Igreja do Brasil (CNBB), percebendo os frutos da preparação para o ano Jubilar, por meio do Projeto de Evangelização *Rumo ao Novo Milênio* (1997-1999) e motivada pelo papa, dá continuidade, agora, com o Projeto *Olhando para Frente, Ser Igreja no Novo Milênio* (2001-2002, CNBB 66) com a finalidade de renovar a consciência da identidade e da missão em suas exigências permanentes. Além disso, tinha o escopo de animar as comunidades paroquiais *a planejarem a ação evangelizadora*, pois é no canteiro das paróquias que os programas ganham vida e dinamismo. O eixo central para discernir a missão da Igreja foi o estudo dos Atos dos Apóstolos.

Em 2003 inicia-se a preparação das *Novas Diretrizes da Ação Evangelizadora* e, a partir daí, se desenvolve em todo o país o projeto nacional de evangelização que traz uma linda proposta que saiu dos lábios dos gregos (2004-2007): *Queremos Ver Jesus – Caminho, Verdade e Vida* (Jo 12,21b). Todos têm necessidade de ver, conhecer e seguir Aquele enviado de Deus-Pai, fonte de *vida em abundância para todos* (Jo 10,10). O Projeto visava, entre outras coisas, suscitar a necessidade de um conhecimento melhor da pessoa de Jesus e sua missão, renovar o entusiasmo e provocar a responsabilidade na ação missionária da Igreja. E assim, com audácia profética, enfrentar as grandes metas da evangelização: *promoção da dignidade da pessoa, renovação da comunidade*, a partir da família, e *participação na construção de uma sociedade justa e solidária*.

No dia 02 de março de 2005, após 26 anos de pontificado, o terceiro mais longo na história do papado, morre João Paulo II, o papa carismático que iniciou a experiência da JMJ, viajou para 129 países (só no Brasil, três vezes), pediu perdão pelos pecados da Igreja (...). Após quatro votações, em 19 de abril de 2005 os cardeais elegeram como Papa Joseph Ratzinger, 78 anos, que escolheu como nome Bento XVI. Ao final do mesmo ano, dia de Natal, assina sua primeira Encíclica *Deus Caritas Est*, onde, já no início (1) explica o sentido teológico da fé, dando o tom ao seu pontificado: “a fé não é, na sua raiz, nem uma moral e nem uma ideologia, mas é um Encontro pessoal com Cristo transformador e regenerador”. De fato, o tema da fé permeará todo seu pontificado, sobretudo se se pensa em uma Europa secularizada e parceira do relativismo, contexto bem conhecido e vivido pelo papa. Essa ideia, aliás, será retomada pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (7-8), quando fala da ausência do primeiro anúncio.

2. A atualidade do Documento de Aparecida (2007)

O Celam havia escolhido o tema e apresentando-o ao papa Bento XVI, que retocou a formulação, reforçando-lhe o caráter cristológico: *Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que n'Ele nossos povos tenham vida - Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida* (Jo 14,6). Além da importância da visita do Papa ao Brasil antes de iniciar a Conferência, dois textos importantes que o papa tinha promulgado - a Encíclica *Deus Caritas Est* (2005) e a Exortação Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* (2007) e os discursos que ele fez na visita a São Paulo e na abertura da Conferência marcaram de tal modo o documento final de Aparecida, que, este o citou várias dezenas de vezes.

O Documento de Aparecida é, segundo olhar dos peritos, o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha. É o melhor documento produzido até hoje pelos nossos bispos e talvez por qualquer outro episcopado regional. Aparecida recapitula o que há de melhor nas Celams anteriores, e isso dentro de um quadro teológico muito mais rico, seguro e homogêneo, prolongando-se assim, uma recepção fiel, criativa, seletiva e própria do Vaticano II. O Cardeal Jorge Bergoglio, futuro Papa Francisco, chegou a dizer que a Conferência de Aparecida é a *Evangelii nuntiandi* da América Latina. Bastaria pensar alguns temas nucleares: a fé viva em Cristo a partir de uma experiência de encontro, o discípulo missionário, a conversão pastoral e renovação das comunidades, a priorização da paróquia e, paróquia missionária.

A Igreja no Brasil apreciou Aparecida, principalmente nos primeiros anos após sua publicação com forte interesse por conhecer e aplicar. Em nível oficial, o Documento de Aparecida marcou gradativamente as Diretrizes para a ação evangelizadora da Igreja no Brasil, promulgadas pela Conferência Episcopal. Desde Aparecida, já foram elaboradas quatro Diretrizes. As primeiras (2008-2010) manifestaram a prudência de se perceber ser necessário algum tempo a mais para que se pudesse ruminar o que Aparecida indicava. Por isso, o período foi mais breve e o gênero literário se caracterizou pelo recolher a rica experiência brasileira das Diretrizes de até então e identificar, nesta experiência, onde se encontrava Aparecida. Neste contexto, gestou-se o nosso primeiro Plano de Pastoral Diocesano (2009-2010).

As Diretrizes seguintes (2011-2015) se caracterizaram pela utilização do termo **urgência** em lugar de *prioridade*. Já não se tratava de reparos pastorais, mas de *efetiva transformação* – daí o termo *conversão pastoral!* –, com o risco de se chegar atrasado na história. Foi por isso que estas Diretrizes, elaboradas após três

anos de reflexão sobre Aparecida, buscaram e indicaram para a Igreja no Brasil as implicações maiores do que significa *recomeçar a partir de Jesus Cristo*. A nossa Diocese lançou o seu segundo Plano Diocesano de Pastoral (2012-2015).

A manutenção das urgências nas Diretrizes (2015-2019), e alguns processos concomitantes revelam, em primeiro lugar, que a Igreja no Brasil tem se empenhado para assumir o caminho de Aparecida. Podemos destacar também alguns documentos oficiais da Conferência Episcopal com a intenção de motivar que se avance na reflexão e, acima de tudo, nas práticas pastorais: *Animação da vida e da Pastoral pela Palavra de Deus* (CNBB 97), *Comunidade de Comunidades: Uma nova Paróquia. A conversão Pastoral* (CNBB 100), *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade* (CNBB 105) e, por fim, *Iniciação à vida cristã: itinerários para formar discípulos missionários* (CNBB 107). Também nesse período, o terceiro Plano Diocesano de Pastoral é aprovado e publicado (2016-2019).

As Diretrizes atuais (2019-2023), constroem-se a partir da imagem da Casa em seu duplo movimento: ingresso e saída. É, ao mesmo tempo, lugar de acolhimento e envio. Com isso, ela remete aos dois grandes eixos inspiradores das Diretrizes: comunidade e missão. A Casa é a imagem do que as Diretrizes chamam de *comunidades eclesiais missionárias*, sustentadas pelos pilares: *a Palavra, o Pão, a Caridade e a Ação Missionária*. Confirmam Aparecida e são enriquecidas pela *Evangelii Gaudium* (2013). O quarto Plano Diocesano de Pastoral contemplou esse período (2020-2023).

3. O Evangelho da alegria

Em 2013, com a renúncia do Papa Bento XVI, a Igreja conheceu o seu 266º Papa. O primeiro jesuíta e sul-americano e

também pioneiro em escolher o nome de Francisco, referência ao santo jovem de Assis, já completou 10 anos de pontificado. O primeiro país que o Papa Francisco visitou foi o Brasil, em julho de 2013, onde participou da Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro.

Dia 24 de novembro de 2013 é publicada a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* – A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Em Aparecida (2007) já havíamos escutado a voz do redator responsável pelo documento final, Jorge Mario Bergoglio e, portanto, **recomeçar a partir de Jesus Cristo, sem dar coisa alguma por descontada** (Dap, 12.41.549) não é uma proposta somente para um Continente, mas é para o mundo: “Todos os cristãos, em qualquer lugar e situação que se encontrem, estão convidados a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de procurá-Lo dia a dia, sem cessar” (EG, 3). Neste sentido, a Exortação é uma carta programática do pontificado de Francisco e, por isso, é dirigida à Igreja e sobre a Igreja, aos sujeitos da evangelização: “A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados (...). Não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos *discípulos missionários* que compõem a comunidade missionária” (EG, 120). O Papa Francisco se apercebeu que o corpo eclesial precisava de uma transformação, de uma conversão curativa de sintomas eclesiais de depressão e autorreferencialidade. Contra o esquecimento da natureza missionária e o sufocamento da alegria do Evangelho entre os batizados, o Papa repropõe para Igreja Universal os imperativos e o remédio do reavivamento da natureza missionária:

- “Não deixemos que roubem nosso entusiasmo missionário” (EG, 80);

- “Não deixemos que nos roubem a esperança” (EG, 86);
- “Não deixemos que nos roubem o Evangelho” (EG, 97);
- “Não deixemos que nos roubem a força missionária” (EG, 109).

A *Evangelii Gaudium* assume “a Igreja peregrina” (EG, 26) como “a Igreja em saída missionária” (EG, 17a) e “a reforma perene como conversão eclesial e reforma permanente” (EG, 26) para não estorvar a alegria do Evangelho. A Exortação apresenta questões fundamentais da vida interna da Igreja. Por isso, encontramos um dos textos mais pesados para a Igreja se deixar interpelar: “Deus nos livre de uma Igreja mundana sob as vestes espirituais ou pastorais” (EG, 97). Além do mais, são inúmeras as referências à postura individual dos cristãos: “contra a acomodação” (EG, 83) e “o pessimismo” (EG, 84), o Papa indica “a esperança” (EG, 86) e “a revolução da ternura” (EG, 88); para a “correção da inveja, do ciúme” (EG, 100) e “da prepotência” (EG, 94), o Papa “reconhece que ele mesmo não tem as respostas para todas as questões” (EG, 16). “Diante de disputas internas” (EG, 98ss), o Papa indica “o testemunho de comunidades autenticamente fraternas e reconciliadas” (EG, 100). Por isso, também, o destaque “à dignidade batismal, ao laicato” (EG, 102), especialmente “das leigas” (EG, 103). Para excessiva centralização burocratizante, que, segundo ele, “só serve para complicar a vida da Igreja, o Papa indica “a descentralização” (EG, 16). E, nesta descentralização, emergem “a importância das Igrejas locais e o diálogo ecumênico, como condições de testemunho e serviço” (EG, 42.199). A propósito disso, mais recentemente, o Papa Francisco promulgou (2022) a Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium*, que contém o plano para uma reforma orgânica da Cúria Romana, ou seja, de todas as estruturas administrativas, com o objetivo de apoiar e renovar a sua dimensão espiritual do anúncio alegre do

Evangelho. E, assim, em boa parte da Exortação, o Papa vai mencionando situações de contratemunho, para, ao final, perguntar: “A quem queremos evangelizar com esses comportamentos?” (EG, 100).

Do ponto de vista das reformas, em 2014, foi muito significativa a instituição da Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores, que tem o objetivo de propor iniciativas ao Pontífice sobre “a promoção e a responsabilidade das Igrejas particulares em relação à proteção de todos os menores e adultos vulneráveis”. A luta contra os abusos teve seu ápice em 2019, com um Encontro de Cúpula, no Vaticano, sobre a tutela dos menores, do qual nasceu o *Motu Proprio Vos estis lux mundi*, que obrigava os clérigos e religiosos a denunciarem os abusos.

O ano 2015 foi dedicado à *salvaguarda da criação*. Francisco assinou a segunda Encíclica *Laudato Si* - sobre o cuidado da nossa Casa Comum, cujo ponto central foi a ecologia integral, em que a preocupação com a natureza, a equidade com os pobres e o compromisso da sociedade são inseparáveis. Por isso, o Pontífice instituiu o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, de cunho ecumênico, que se celebra todos os anos no dia 1º de setembro. É, até ao momento, o texto papal mais citado, comentado e divulgado. A 04 de outubro, a Igreja celebra a memória de São Francisco de Assis, patrono da ecologia e, neste dia de 2023 também fica marcado pela publicação da Exortação Apostólica *Laudate Deum*, uma continuidade da encíclica *Laudato Si*. Em 2020, foi a vez da terceira Encíclica, *Fratelli Tutti*, que, nas pegadas salientes deste pontificado, apela à fraternidade e à amizade social e reitera o não decisivo às guerras, para a construção de um mundo melhor, com o esforço de todos.

Em 2020, o ano e a fase mais crítica da pandemia da Covid-19, o Papa Francisco permaneceu ao lado dos fiéis mediante o poder da oração constante. No dia 27 de março, diante da Basílica Vaticana, em uma Praça de São Pedro deserta

e chuvosa, o Pontífice presidiu sozinho a *Statio Orbis* para o mundo inteiro, ajudando-o a se reorientar em um momento de pausa forçada. Naquele momento de ‘fim de um mundo’, o mundo todo sentiu, viu e se emocionou, no gesto do Papa Francisco as palavras do profeta Isaías (40,1): *Consolai, consolai meu povo!* Devoto de São José (2020-2021), proclama, com a publicação da carta apostólica *Patris Corde* (coração de pai, 2020), no aniversário de 150 anos do pai putativo de Jesus como padroeiro da Igreja.

O Espírito Santo sopra e renova a Igreja a partir da lucidez do Papa Francisco que institui o Ministério de Catequista, com a publicação da Carta Apostólica *Antiquum ministerium* sob forma de *Motu Proprio*, 2021. A Igreja do Brasil o acolheu como um verdadeiro dom, um sopro do Espírito, porque fortalece ainda mais tal protagonismo de homens e mulheres catequistas, jardineiros da fé e da esperança no belo jardim da Igreja. Além disso, nos recorda que nossa Igreja é toda ministerial e a vocação de catequista, agora instituído, é essencial no processo de evangelização. Na Diocese de São Luís de Montes Belos, o departamento da catequese muito tem trabalhado e nos ajudado no processo. Tivemos a fase forânica, a fase paroquial com apresentação e nomeação e, por fim, a diocesana com o rito de eleição para dar início ao processo de formação em vista do ministério.

Fruto de um processo, já há 15 anos de Aparecida e enriquecido pela *Evangelii Gaudium*, por meio de suas Diretrizes, a Igreja do Brasil tem proposto a vivência da fé em **pequenas comunidades eclesiais missionárias**. Em tempos de incertezas, o contato com a Palavra de Deus é a referência mais segura e dinâmica. Por isso, o atual Documento da CNBB (111, 2022) que, aliás, atravessou o triste período da pandemia, – *E a Palavra habitou entre nós* (Jo 1,14) tem, como subtítulo –, *Animação Bíblica da Pastoral a partir*

das comunidades eclesiais missionárias. É possível identificar entre a Animação Bíblica e as comunidades eclesiais missionárias como que dois lados da mesma moeda: “a pequena comunidade se alimenta da Palavra de Deus e a Palavra de Deus ilumina a vida da pequena comunidade; a pequena comunidade vivencia a Palavra de Deus e a Palavra de Deus orienta e purifica a vida da pequena comunidade” (...). Ele “precisa ser acolhido, estudado e comparado com as práticas pastorais já existentes, no desejo de cumprir a finalidade para a qual foi feito, ou seja, para que a Igreja do Brasil, com suas pequenas comunidades eclesiais missionárias, seja uma Igreja que se abre sempre mais à Palavra de Deus, deixando-se por ela animar, impulsionar e converter” (apresentação, p. 11-13).

Com Corações ardentes e pés a Caminho (Lc 24,32-33), a Diocese de São Luís de Montes Belos, *alimentando-se da Palavra* (Ez 3,1), assume sua vocação de ser uma Igreja que *olha para a frente e para o alto* (Fl 3,13-14) e, por isso, quer ser uma Igreja de portas abertas e em saída, toda missionária e anunciadora da alegria do Evangelho, cultivadora da arte da Esperança, como ensina São Paulo (Rm 4,18): *spes contra spem*. Para tanto, lança seu V Plano Diocesano de Pastoral - **Discipulado e Missão** - no contexto do Sínodo sobre a sinodalidade (2021-2024): “Mais do que um conceito, *sinodalidade* é uma experiência de caminhar juntos; mais do que ponto de chegada, essa experiência deve ser sempre ponto de partida que possibilita e provoca uma comunhão que irradia” (*Instrumentum Laboris*).

III

O QUE A ETAPA DIOCESANA DO SÍNODO DISSE SOBRE NÓS?

Com alegria, apresentamos esta síntese que nasceu do processo de escuta da Fase Diocesana do Sínodo dos Bispos 2021-2024, convocado pelo Papa Francisco: “Por uma Igreja Sinodal - comunhão, participação e missão”. Esse documento aborda os principais aspectos pontuados pelos leigos, leigas, lideranças eclesiais, sociais, políticas culturais da nossa complexa e diversificada sociedade contemporânea. Também compõem o rol das representações e reflexões as respostas vindas por parte do bispo diocesano, dos sacerdotes, dos religiosos e religiosas que atuam nas paróquias, pastorais e movimentos da Diocese de São Luís de Montes Belos. Eis, então, a síntese da fase diocesana:

A vida paroquial e diocesana tem seu vigor e dinamismo a partir dos muitos trabalhos pastorais realizados pelos fiéis leigos que estão inseridos nas diversas pastorais e movimentos, sempre em relação fraterna com o Clero local. Porém, se faz necessário fortalecer os vínculos dentro da própria comunidade, a partir dos conselhos paroquiais e a relação afetiva entre todos os fiéis da Paróquia. Há concretamente a participação dos fiéis na vida da comunidade, a partir das várias pastorais, movimentos e serviços, com suas coordenações e ministérios e com a participação destes na tomada de decisões por meio dos Conselhos de Pastoral e Administrativo. Porém, é urgente que todos tomem consciência de que tais serviços são expressão clara e concreta da Sinodalidade.

Precisamos valorizar cada vez mais a participação dos jovens e renovar também a dimensão missionária da Igreja

diocesana para alcançar alguns que estão fora. Ainda deixamos à margem aqueles que não fazem parte dos grupos e pastorais, sem lhes oferecer um caminho para que possam se aproximar e fazer uma experiência com Deus e com a Igreja. Nossa igreja tem dificuldades de escutar os fiéis que não pertencem às lideranças pastorais e grupos de serviço da igreja.

Em relação ao diálogo da Igreja com o mundo, nos diversos âmbitos sociais reconhecemos que persistem muitos desafios, embora haja a presença de fiéis leigos em associações e organizações civis, a penetração do Evangelho nessas instâncias ainda está muito aquém do desejado.

A resposta que a Igreja diocesana tem dado diante do sofrimento humano é bastante visível; em alguns casos a nossa ação pastoral caritativa é a primeira e única medida de apoio. São inúmeras as iniciativas junto aos pobres, enfermos, idosos, dependentes químicos e deficientes. Assim, nos tornamos presentes, por meio das ações que realizamos, como: doação de cestas básicas, apoio a creches, visitas aos hospitais e abrigo para idosos, a estruturação dos assentamentos, a criação de uma comissão para a proteção dos menores e pessoas vulneráveis. Fazenda da Esperança temos buscado também tanto o apoio quanto a responsabilidade da sociedade civil sobre o que fere a vida humana. Por outro lado, ainda não criamos espaços para ouvir a voz das minorias, dos descartados e dos excluídos. Infelizmente não há uma iniciativa diocesana. O que acontece são atividades isoladas em creches, lar de acolhida de idosos e nos assentamentos. Outras populações ainda não são alcançadas.

Faz-se necessário em nossa diocese a capacitação e treinamentos para os leigos que assumem liderança nas comunidades. Devemos buscar uma boa comunicação, inclusive nas celebrações e a forma como nos comunicamos, precisa ser atualizada. Em nossa Igreja Particular são múltiplas as manifestações que possibilitam a escuta comunitária da Palavra

de Deus e a celebração da Eucaristia. As celebrações, novenas de Natal, da CF e demais novenas, terços e encontros possibilitam bastante a meditação da Palavra de Deus.

Algumas paróquias preocupam-se com uma participação ativa de todos os seus fiéis, promovendo variedade de celebrações litúrgicas todos os dias da semana em horários diversos. Com celebrações também para as crianças e jovens.

Sobre os espaços reservados ao leitorado e acolitado na celebração da Palavra, nossa Igreja tem se empenhado em consolidar atividades e serviços desse ministério, formando periodicamente novas equipes para servir ao altar e ministrando formações continuadas.

Ressalta-se ainda o pouco investimento e formação dos fiéis para atuarem nos conselhos de controle social: Tutelar, da Saúde, da Criança e do Adolescente etc. A comunidade deveria apoiar, acompanhar, formar e fiscalizar. Quanto aos cristãos que atuam na política partidária, falta acompanhamento efetivo. Ainda prevalece, na cabeça de muitos fiéis, uma confusão quanto a militância política da Igreja. Isso reflete no modo como a Igreja acompanha os seus membros que exercem cargos eletivos na política.

As Paróquias têm se esforçado para promover o diálogo em todos os momentos da caminhada, celebrações litúrgicas e da Palavra, festas dos padroeiros, nas reuniões e encontros dos movimentos e pastorais, no Conselho Administrativo e Pastoral etc. As divergências são enfrentadas através do diálogo, sempre iniciado com a Palavra de Deus para depois aprofundar nos assuntos a serem discutidos.

O diálogo entre as diferentes denominações religiosas tem acontecido institucionalmente em ocasiões de culto ecumênico durante formaturas ou em algum outro evento social e político, no entanto esse diálogo não acontece no cotidiano da diocese. A

Igreja Católica compõe o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) e por princípio reconhece a importância do ecumenismo para bem dinamizar as suas ações. Em nossa diocese não estão presentes no território. Reconhecemos a importância das Campanhas da Fraternidade Ecumênicas e as paróquias avaliam as condições e viabilizam, em especial no tempo da quaresma, a forma de participação.

A Semana de oração pela unidade dos cristãos é uma realidade que ainda precisa ser solidificada no meio de nós. Encontros de formação foram realizados em algumas paróquias com o objetivo de esclarecer o que este fenômeno significa. O diálogo e as iniciativas pastorais em especial no que se refere à validade de sacramentos ministrados por estas Igrejas também são orientações as quais dedicamos atenção.

No âmbito da autoridade e governança prevalece o diálogo, colaboração, testemunho e responsabilidade pelo serviço. Os conselhos e órgãos da Igreja local funcionam de forma organizada, buscando efetuar reuniões frequentes para solucionar problemas e buscar melhorias para a paróquia. Há uma hierarquia a ser seguida e ao mesmo tempo uma abertura de autoridade participativa aos leigos nos movimentos, pastorais e conselhos, lembrando que o padre exerce maior autoridade dentro das comunidades. A divisão de tarefas e o decidir juntos nos levam a resultados positivos e evangelizadores.

As paróquias têm oferecido formação específica para os grupos que atuam nas comunidades. Embora é preciso intensificar esse trabalho motivando a maior participação dos fiéis. Algumas áreas como liturgia, acólitos, coroinhas e catequese recebem naturalmente um maior investimento humano no processo formativo. Em outros setores a carência é maior. O processo formativo é dificultado pela rotatividade de lideranças, seja por motivos de estudos acadêmicos ou por mudanças.

Sugere-se unificar mais as reuniões e encontros de formação de coordenadores de pastorais e movimentos, possibilitando maior participação e unidade entre todos.



I^aAssembléia do povo de Deus

IV

URGÊNCIA DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Diante do real e profícuo objetivo de EVANGELIZAR, encontramos nas palavras iniciais do presente Plano Pastoral a motivação necessária que reafirma ser *este o tempo do anúncio, do testemunho que brota da experiência, de ser e de fazer discípulos mediante o convite à conversão e à vida nova, superando a indiferença e até mesmo a recusa e a rejeição ao Evangelho*. Ao analisarmos as questões nacionais e universais e, a partir delas, contextualizarmos a leitura da nossa realidade diocesana, avançamos, portanto, em nossos esforços pela URGÊNCIA DA EVANGELIZAÇÃO.

Sim, a Evangelização tornou-se uma urgência. Isto é um fato. E não se trata de uma urgência cotidiana que possa ser suprida por meio de ações isoladas ou por eventos que têm o fim seu em si mesmos.

Assim como os discípulos que retornavam à Emaús (Lc 24,13-35), precisamos fazer arder os corações ao explicar as escrituras e reconhecer o Ressuscitado ao partir o pão. Em nossas realidades eclesiais são inúmeras as situações que afetam profundamente o cumprimento do mandato evangélico de ir e anunciar a todos, sem distinção, em todos os tempos e lugares. O anúncio do Evangelho que sustenta a própria vida da Igreja, precisa ser pensado, planejado e efetivado como um processo no qual suas etapas respondam aos desafios do nosso tempo, conscientes das nossas reais necessidades, sejam elas diretamente vinculadas ao âmbito eclesial/religioso, quanto às de ordem histórico-social, econômica, cultural, tecnológica e ecológica.

- Pressupúnhamos que a pessoa nascida, ao ser batizada, receberia uma iniciação à vida cristã alicerçada por uma família/comunidade e por uma sociedade que acorreria aos princípios cristãos para estruturar a condução ética nas mais variadas instâncias;
- Acreditávamos que nossas estruturas pastorais respondiam aos anseios das famílias, dos casais, da juventude, dos pobres e excluídos e considerávamos que o encontro pessoal com Jesus Cristo era uma certeza na vida dos nossos irmãos iniciados na fé;
- Confiávamos que as lideranças estariam bem estruturadas e suficientemente preparadas para assumir a vivência da fé na dinâmica das pastorais, associações e serviços e que tudo isto estaria envolto por uma vivência mistagógica, ou seja, uma consciência litúrgica que fortalecesse a nossa identidade cristã católica.

Porém, as conclusões do Documento de Aparecida, realizadas há mais de uma década, ressoam com atualidade o que devemos analisar e propor em nosso Plano Pastoral para o próximo quadriênio 2024-2028:

Isso constitui grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã; desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre ou fragmentada. Ou educamos a fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não

cumpriremos nossa missão evangelizadora (DAP, 287).

Nesse sentido, o resgate do estilo evangélico do início do cristianismo, pautado na experiência de vida cristã, ensinamento sistematizado, mudança de vida, crescimento na comunidade, constância na oração, alegre celebração da fé e engajamento missionário (DNC, 35)¹ torna-se indicativo do quanto nossas ações precisam apontar para respostas relevantes aos desafios que encontramos em nossa Diocese.

O contexto da *Nova Evangelização*, proveniente das reflexões realizadas no Concílio Vaticano II e que insurgiu com o início do novo século sob o zelo de três Papas (João Paulo II, Bento XVI e Francisco), exigiu um mapeamento cada vez mais específico das reais situações que vivenciamos e um efetivo discernimento acerca das respostas que favorecessem a superação dos desafios e, neste sentido, precisamos identificar indicadores que possibilitem uma melhor efetivação das ações no período de vigência deste Plano Pastoral.

Assim, delineamos três princípios que assumirão para nós a necessária urgência nos limites do Plano quadrienal de nossa Diocese:

A. Anunciar o Evangelho

- O que nos foi transmitido e como nos foi transmitido?
- O que anunciamos e como anunciamos? (Sagrada Escritura, Tradição, Magistério)
- Quando anunciamos: qual o nível de consciência litúrgica? Como favorecemos a vivência mistagógica?

¹ CNBB. Diretório Nacional de Catequese. Brasília: 2005.

- De que forma anunciamos: Como a via do testemunho – a vida de fé dos crentes é acolhida e acompanhada? Qual a relação entre convicção, credibilidade e alegria?

B. Cuidar da família

- Como acolhemos/acompanhamos as diferentes configurações?
- Quando e de que forma nos aproximamos das suas realidades e escutamos as suas vozes?
- O que oferecemos de forma substancial para bem prover a formação de sua base cristã católica?
- De que forma as famílias recorrem à Igreja em suas questões existenciais?
- Como as novas gerações (crianças, adolescentes e jovens) são acolhidas e acompanhadas? Quais processos desenvolvemos? Quais linguagens utilizamos?

C. Fortalecer a identidade cristã Católica

- Formação do discípulo missionário: o testemunho que brota da experiência do encontro com o Senhor.
- A Iniciação à Vida Cristã: *querigma, discipulado e mistagogia*.
- A Catequese:
 - Sagrada Escritura: História da Salvação.
 - Doutrina/valores/princípios – conhecimento da fé católica.
 - Celebração da fé.
 - Vida de oração.
 - Práticas devocionais: valorização/reestruturação

- O lugar dos Sacramentos.
- Animação Bíblica da pastoral.
- Destaque: Manter/fortalecer os que pertencem, atrair os que estão afastados, anunciar aos indiferentes.



Iª Assembléia do povo de Deus

V

O PROCESSO DIOCESANO ATUAL

A partir de 2020, ano que coincidiu com a impressão do quarto Plano Diocesano de Pastoral, testemunhamos o grave flagelo que se abateu sobre o mundo. Nesse tempo, tão intenso, Deus também proveu um novo pastor para a nossa Diocese. Embora as inúmeras atividades constantes no Plano proposto não pudessem ser aviadas, o bispo propôs uma reorganização pastoral que gerasse um fluxo processual entre as paróquias, foranias e diocese.

Para a Diocese foram propostas três prioridades de aprimoramento - GESTÃO - CATEQUESE - COMUNICAÇÃO – e para a organização pastoral propôs-se um novo fluxo permanente entre as diversas instâncias, por meio da disposição de 3 eixos articuladores – *INICIAÇÃO À VIDA CRISTÁ* (IVC), *VIDA E COMUNIDADE* (VeC) e *CARIDADE E MISSÃO* (CeM).

As pastorais e movimentos foram organizados em vista da dinamização das ações a serem desenvolvidas, uma vez que este é o momento de “*anunciar o amor de Deus e partilhar a alegria que se experimenta na conversão e na nova vida de comunhão com Ele. Esta é a fonte da missão evangelizadora. Por seu testemunho e suas obras a Igreja manifesta ao mundo a razão de sua esperança*” (1Pd 3, 15). Tudo isto em vista de percorrer “o caminho de uma pastoral orgânica, de uma resposta consciente e eficaz para atender às exigências do mundo de hoje” (Dap 371).

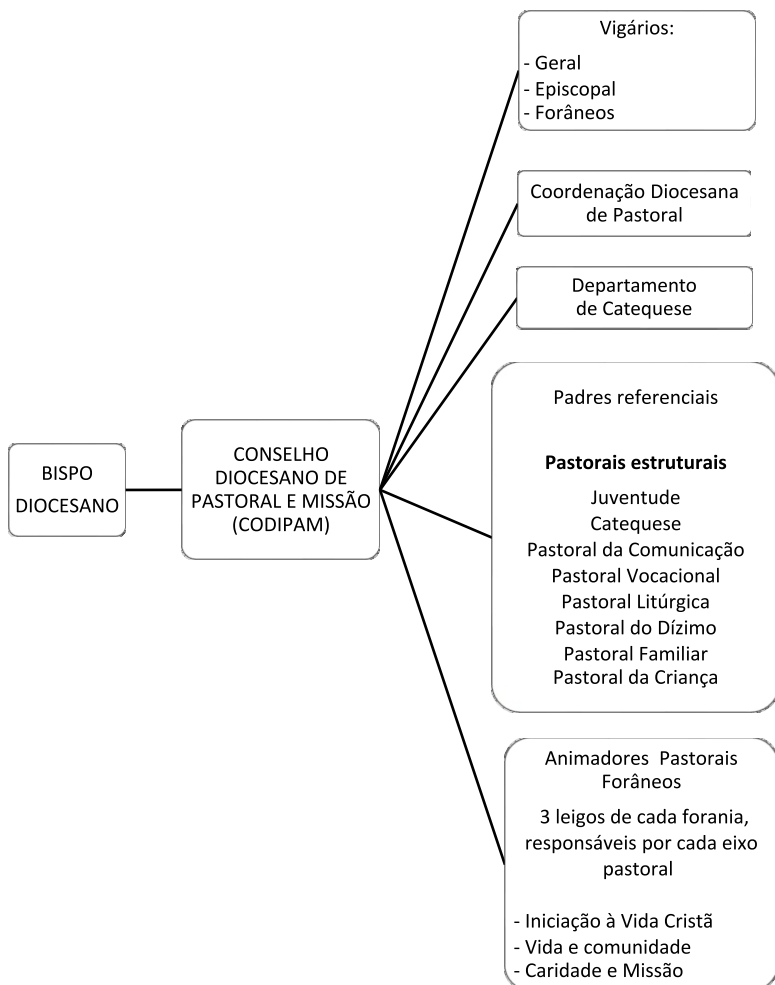
Cada um dos eixos dispõe da presença de um animador pastoral que, junto ao pároco e aos coordenadores pastorais, assume a responsabilidade de acompanhar a organização da ação evangelizadora, favorecendo o diálogo e a construção de um

ambiente humano de proximidade e confiança, que possibilite a partilha de experiências, a ajuda mútua e o processo de inserção nos diversos ambientes que clamam pela presença evangelizadora da Igreja.

Animar e coordenar tornam-se, portanto, realidades que convergem para um mesmo fim, ou seja, o crescimento do Reino de Deus.

A configuração de um novo MODELO ECLESIAL torna-se, portanto, uma necessidade e incide sobre a organização da estrutura diocesana, forânea e paroquial.

ESTRUTURA DIOCESANA



ANIMAÇÃO PASTORAL

A nível paroquial

- A paróquia organiza as pastorais/movimentos/serviços em 3 eixos.
- Escolhe um fiel (que já coordena alguma pastoral pertencente ao eixo) para animá-lo.

A nível Forâneo

- Do grupo de animadores pastorais das paróquias que pertence à Forania, 3 animadores são escolhidos (1 de cada Eixo) para compor o Conselho Forâneo.
- Estes 3 animadores forâneos compõem o CODIPAM (Conselho Diocesano da Pastoral e Missão).

OS 3 EIXOS PASTORAIS

1. Iniciação à vida cristã

No seio de nossas famílias e da comunidade cristã necessitamos aprender a viver conforme o Evangelho nos ensina, no contato real, cada vez mais vivo e pessoal, com Jesus Cristo.

Sabemos, portanto, que este ideal tem encontrado grandes desafios em nossas comunidades, tornando-se indispensável mapear a realidade na qual nos encontramos e agir conforme a Igreja nos orienta.

A iniciação cristã tem como finalidade gerar a identidade cristã a partir de um caminho a ser percorrido. Uma experiência de fé,

ação de Deus e resposta do ser humano. Uma marca para toda a vida.

Impõe-se, como bem nos afirma o Documento de Aparecida, a tarefa irrenunciável de oferecer uma modalidade de iniciação cristã que além de marcar o porquê, dê também elementos para o que temos em vista, como e com quem contamos, para que possamos responder às seguintes questões:

- *Como iniciar à vida cristã?*
- *Quais são os meios mais eficazes para apresentar Jesus Cristo e suscitar o seguimento apaixonado à sua pessoa?*
- *Como tornar alguém “cristão”, “católico”, um discípulo missionário?*
- *Como encaminhar a vivência cristã no seio das comunidades?*
- *Quais iniciativas e esforços são necessárias para animar a Palavra de Deus (Bíblia) e a vida litúrgica (Eucaristia) na vida pastoral?*
- *De que forma o testemunho da vida cristã tem se tornado decisivo no projeto de vida das novas gerações?*

O propósito é buscar novos caminhos pastorais para esta urgência da ação evangelizadora da Igreja, uma verdadeira oportunidade para a conversão pastoral mediante os desafios do tempo presente.

Pastorais/Ministérios:

- Pastoral Catequética
- Pastoral do Batismo
- Pastoral Familiar
- Pastoral da Acolhida
- Pastoral litúrgica
- Coroinhas e Acólitos
- Ministério de Leitores
- Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão
- Pastoral da música
- Ministros da Palavra

2. Vida e comunidade

Sabendo que a vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão, e que não pode existir vida cristã fora da comunidade, o Documento de Aparecida, em seus números 179 e 180, indicam que a concretização dessas pequenas comunidades favorece e oferece meios adequados para o crescimento na fé, na comunhão fraterna, para a missão de seus integrantes e para a renovação da vida nas cidades como “*Sal da terra e luz do mundo*” (Mt 5,16); a partilha de experiências, a mútua ajuda e a inserção concreta nas mais variadas situações oferecem aos cristãos ambientes e meios para uma formação sólida, integral e permanente; nessas pequenas comunidades, os cristãos leigos e leigas, por meio da participação na vida da Igreja, do senso de fé, dos carismas, dos ministérios e do serviço cristão à sociedade, vivem sua vocação e sua missão, em comunhão e solidariedade. São lugares de crescimento na fé e de fidelidade a Jesus Cristo e a seu evangelho, vivendo na força de sua Palavra como verdadeiras comunidades de discípulos missionários que sejam casa da Palavra, casa do Pão, casa da Caridade, propiciadoras da iniciação à vida cristã, comprometidas com os pobres, abertas aos jovens, anunciadoras

do evangelho da família, cuidadoras da Casa Comum e missionárias, de portas abertas para acolher a todos. Comunidades onde as pessoas possam fazer a experiência da comunhão fraterna, como em família, entre amigos, irmãos na fé, companheiros de jornada nas estradas da vida, peregrinando rumo à Pátria definitiva.

Comunidades:

Comunidades eclesiais missionárias

Animadores e Coordenadores de Comunidade

Pastorais:

- Pastoral do Dízimo
- Pastoral Vocacional
- Juventude
- Pastoral da Comunicação (Pascom)
- Pastoral Indígena
- Pastoral do Surdo

Movimentos eclesiais:

- Terço dos homens
- Apostolado da Oração
- Renovação Carismática Católica - RCC
- Mães que oram pelos filhos
- Sagrada Face
- Mãos ensanguentadas de Jesus
- Maanaim
- Cursilho de Cristandade
- Encontro de casais com Cristo – ECC

² A vida em comunidade nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: Pe. Eliseu Wisniewski, cm.

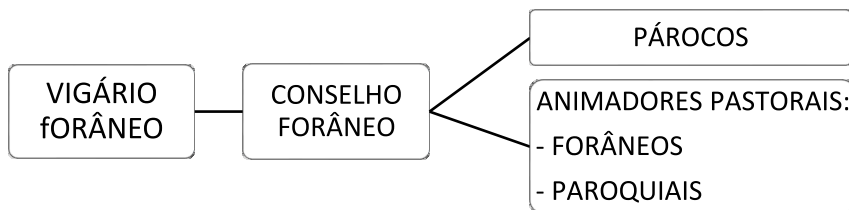
3. Caridade e missão

A vida fraterna em comunidades abertas, acolhedoras e misericordiosas é indispensável para testemunhar a vivência cotidiana do amor fraterno. É a base que sustenta a missão, pois a vitalidade do amor fraterno e o testemunho das obras de misericórdia dão suporte à credibilidade do anúncio missionário. Isso se deve ao fato de que, conforme descrito em At 12,1-5, as primeiras comunidades compreenderam a integração entre a vida comunitária e a ação missionária. Há, portanto, um vínculo indissociável entre missão e comunidade, são como dois lados da mesma moeda, de modo que a comunidade autêntica é necessariamente missionária e toda missão se alicerça na vida de comunidade e tende a gerar novas comunidades.

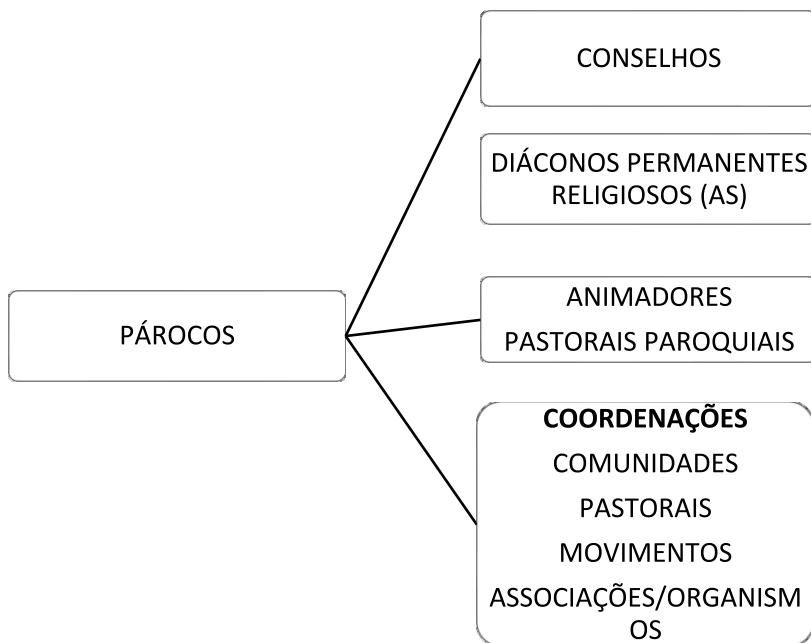
Pastorais:

- Pastoral da criança
- Pastoral carcerária
- Pastoral da sobriedade
- Pastoral da Educação
- Pessoa Idosa (PPI)
- Pastoral da saúde
- Cáritas paroquial
- Conselho Missionário Paroquial (COMIPA)
- Pastoral do Meio Ambiente
- Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP)
- Associações religiosas

ESTRUTURA FORÂNEA



ESTRUTURA PAROQUIAL





1ª Assembléia do povo de Deus

VI

PERSPECTIVAS

A renovação da paróquia no início do terceiro milênio exige a reformulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que os membros se sintam realmente discípulos de Jesus Cristo em comunhão (DAP, 172)

1. Renovar a paróquia

Num tempo pulverizado por tantas informações e propostas, a Paróquia, com suas igrejas, comunidades, agentes de pastoral e fiéis de múltiplas envergaduras é o principal centro de irradiação da Palavra de Deus, administração do dom dos sacramentos, prática da Caridade e experiência de uma verdadeira comunidade. **Se a vida da Igreja Diocesana não acontecer na Paróquia, ela não acontece em lugar algum!** Por outro lado, é bem verdade que inicialmente, como cristãos, não basta que saíamos em missão, mas é preciso que nós nos sintamos *povo de Deus em missão*, pondo em prática a feliz expressão de São João Paulo II (1920-2005), citada por Bento XVI: “Paróquia, procura-te a ti mesma e encontra-te a ti própria **fora** de ti mesma”⁴.

Por isso, ao mesmo tempo em que nos convertemos em Igreja Missionária, organizamo-nos, de tal modo, que tudo o que viermos a fazer no cotidiano da Paróquia, façamo-lo pensando naqueles que não nos procuram mais. Os nossos programas pastorais paroquiais deverão nos ajudar a modificar nossa mentalidade, de forma que passemos – *de uma Igreja de conservação para uma Igreja em Saída* –, anunciando

⁴ Discurso do Papa Bento XVI na abertura do Congresso Eclesial Diocesano na Basílica de São João de Latrão. Segunda-feira, 6 de junho de 2005, p. 1.

esperançosa o Ressuscitado que nos reúne e nos une como única Igreja de Cristo.

2. Ser uma Igreja em saída

O Projeto Paroquial de Pastoral precisa contemplar a renovação e a conversão pastoral com uma firme decisão e mística missionária que aconteça na cabeça e no coração de todos coordenadores e lideranças ativas. São eles os protagonistas e os primeiros a estarem convencidos e entusiasmados para **serem cristãos em Comunidades Eclesiais Missionárias, como um mecanismo e um modo de revitalizar e renovar nossas paróquias: *Ide e anunciai* (Mc 16,15); *Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho* (1Cor 9,16)**. Para tanto, eis algumas pistas:

- Realizar e apostar na Animação Bíblica da Pastoral a partir das Comunidades Eclesiais Missionárias por oferecerem um ambiente humano de proximidade e confiança (At 2,42; CNBB 100; DGAE 2019-2023, 4.33-40.82-87; CNBB 111, 34-37)⁵;

⁵ Esse é um modo de ser Igreja, como foram as primeiras comunidades cristãs, ou seja, é nas casas, nas famílias que está a primeira Igreja ou a Igreja doméstica como sentenciou o Concílio Vaticano II (LG, 11; GS, 47) há mais de meio século ou como expressa o Catecismo (1666): “Igreja Doméstica” (Comunidade de graça e de oração, escola de virtudes humanas e de caridade cristã). É muito importante a formação das pequenas comunidades dentro dos setores, formando a grande comunidade paroquial. Comunidades células vivas da Igreja; Redes de Comunidades (Pastoral Urbana); Comunidade de Comunidades (DAP; CNBB 100); ENFIM: Comunidades Eclesiais Missionárias (DGAE 2019-2023, 4.33-40.82-87; CNBB 111, 34-37).

- Organizar, dar voz e compartilhar responsabilidades entre todos. Primazia aos Conselhos de Pastoral Paroquial (CPP) e Administrativo Paroquial (CAP);
- Retomar e recuperar a força evangélica da Conversão Pastoral e da renovação missionária das comunidades (DAP, 365-372; CNBB 100, 244-255; EG, 25-33.49); a conversão pastoral proporciona um caminho sinodal qualificado, evitando e superando conflitos com maturidade;
- Assumir a natureza missionária do Povo de Deus como instrumento de perene renovação paroquial (EG, 27-28);
- Passar de uma Igreja de eventos para uma Igreja de PROCESSOS, para que o planejamento saia do papel e chegue à vida das pessoas.



IªAssembléia do povo de Deus

VI

PISTAS DE AÇÃO PARA O QUADRIÊNIO

*Quando ouviram isso,
ficaram com o coração compungido
e perguntaram a Pedro e aos apóstolos:
irmãos o que devemos fazer (At 2,37).*

Além da vida pastoral ordinária das paróquias e comunidades, que deverá ser mantida, o nosso V Plano Diocesano de Pastoral oferece pistas e sugestões para que sejam concretizadas. Por isso, cada Paróquia, segundo sua realidade se adequa, acolha, enriqueça e realize suas atividades pastorais costumeiras à luz das propostas para 2024-2028. Ei-las, então:

2024: FASE DE SENSIBILIZAÇÃO, DE ENCANTAMENTO, DE FORMAÇÃO, DE VISITAS MISSIONÁRIAS E DE DIAGNÓSTICO DA REALIDADE PAROQUIAL.

a) - Conversão Pastoral e Missionária das Paróquias e Comunidades, começando pelos Conselhos e lideranças. Como?

- 1) - Fortalecer a opção teológica e pastoral pela Paróquia e, a partir dela, reestruturar e aprofundar a orientação dos Conselhos pastorais, administrativos e comunitários, como instância e lugar de conversão e discernimento sinodal e pastoral contínuo;
- 2) - Compreender, favorecer e qualificar a articulação entre os animadores dos eixos e os coordenadores do CPP para assim, de

forma sinodal, serem o coração e a razão que percebem, refletem e indiquem a ação pastoral;

3) - O Conselho de Pastoral e os animadores dos eixos: ACOMPANHAR os processos do caminho pastoral paroquial e a aplicabilidade do V Plano Diocesano de Pastoral semestralmente (2024-2028), instituindo métodos avaliativos (encontros, assembleias, escuta), sentindo-se como o primeiro promotor da Animação Bíblica da Pastoral a partir das Comunidades Eclesiais Missionárias e das atividades costumeiras.

4) - Vivenciar o Jubileu - Peregrinos da Esperança 2025 como um tempo de graça para toda a Igreja, redescobrimo a riqueza do Concílio Vaticano II e pela comunhão de intenções e corações através da oração;

b) - Animação Bíblica da Pastoral a partir das Comunidades Eclesiais Missionárias e da vida pastoral ordinária. Como?

1) - Conhecer e assimilar, por meio da formação, o objetivo e a mística do ser Comunidades Eclesiais Missionárias: como implantar, formar, atuação de animadores e participantes;

2) - Iniciar e tonar permanentes as visitas missionárias nos setores mensalmente, pois a missão não pode ser adiada: dia missionário paroquial;

3) - Através das visitas missionárias identificar possíveis lideranças que, uma vez preparadas, poderão animar as Comunidades Eclesiais Missionárias;

4) - Identificar grupos de convivência e afinidade (terço, capelinhas, novenas) na Paróquia como possíveis canteiros de Comunidades Eclesiais Missionárias;

- 5) - O diagnóstico da realidade paroquial já pode começar por meio das visitas missionárias e cadastramentos;
- 6) - Favorecer a Animação Bíblica da Pastoral por meio da *leitura orante*, *leitura contínua da Escritura* (oferecer um plano de leitura), *estudo*, *valorização do mês da Bíblia* (semana bíblica, gincana bíblica) e, por fim, da *lectio divina* (CNBB 111, 233-249); Uso mais frequente da Palavra em reuniões e encontros pastorais;
- 7) - Envolver a PASCOM na divulgação de experiências missionárias bem-sucedidas;
- 8) - Elaboração de curso pedagógico para leitores, com oficinas (regional);
- 9) - Itinerário Formativo do Ministério de Catequista: Catequistas atuantes e revisão do Diretório Diocesano de Catequese.

2025: FORMAR COMUNIDADES ECLESIAIS MISSIONÁRIAS QUE VIVAM ALICERÇADAS NA PALAVRA, NO PÃO, NA CARIDADE E NA AÇÃO MISSIONÁRIA DE FORMA SINODAL E ALEGRES NA ESPERANÇA (at 2,42; 8,4; rm 12,12). COMO?

- 1) - Estruturar os Conselhos Missionários Diocesano a partir do CODIPAM (COMIDI) e Paroquial (COMIPA) a partir do CPP e da experiência vivida em 2024;
- 2) - Preparação e formação dos animadores das Comunidades Eclesiais Missionárias;
- 3) - Jornada Missionária paroquial em outubro: zonas rural e urbana;

4) - Formar comunidades eclesiais missionárias como lugar de acolhida, de ternura, de compaixão, de partilha de vida e de compromisso com o Reino de Deus;

2026: CELEBRAR O ANO MISSIONÁRIO COM O OBJETIVO DE ANIMAR AS FORÇAS VIVAS DA DIOCESE A SE COLOCAREM EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO. COMO?

1) - Colocar em chave missionária as atividades habituais das paróquias;

2) - Valorizar as festividades dos padroeiros como fortes momentos de evangelização e missão;

3) - Promover missões juvenis nas paróquias e foranias;

4) - Provocar a comunidade paroquial, sobretudo a juventude, a se fazer presente nas realidades que podem exigir atenção especial: creches, escolas e colégios, faculdade, delegacia de polícia e outras instituições;

5) - Promover um congresso para professores e incentivar a estruturação da Pastoral da Educação e sua inserção missionária nos ambientes educacionais;

6) - Celebrar e vivenciar o ano missionário;

2027: PROMOVER A ATUAÇÃO E INTEGRAÇÃO ENTRE AS PASTORAIS SOCIAIS E AS ORGANIZAÇÕES. COMO?

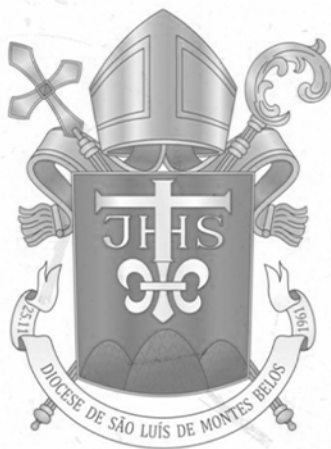
1) - A Comunidade Eclesial Missionária precisa ser atenta e sensível a situações de luto, pobreza e sair ao encontro dos que sofrem;

- 2) - Participação efetiva da Paróquia nos conselhos comunitários dos bairros (conselho de segurança, conselho de saúde, entre outros);
- 3) - Articulação da Pastoral Carcerária nas paróquias, para visita às famílias dos apenados;
- 4) - Organizar e planejar de forma inteligente a caridade social paroquial;
- 5) - Fortalecer a Pastoral das Exéquias para que vá além da celebração e da Missa de sétimo dia, sobretudo em situações de morte violenta;

2028: AVALIAÇÃO DO CAMINHO PERCORRIDO. COMO?

- 1) Foi fortalecida a consciência missionária, com um novo jeito de assumir a missão, através de gestos concretos: “primeirar’, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar” (EG, 24)?;
- 2) Conseguimos valorizar a vida pastoral cotidiana e as festividades dos padroeiros como fortes momentos de evangelização e missão?;
- 3) Com a experiência das Comunidades Eclesiais Missionárias, conseguimos rerepresentar Jesus explicitamente, valorizando a família como Igreja doméstica, formando discípulos missionários e resgatando o protagonismo dos leigos?;
- 4) A estrutura dos animadores nos três eixos teve acolhida, atuação e articulação positiva e desejadas nas paróquias e foranias?;

Anotações



*Pai Nosso que estais no céu, santificado seja
o vosso nome, vem a nós o vosso reino, seja
feita a vossa vontade assim na terra como no
céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
perdoai-nos as nossas ofensas, assim como
nós perdoamos a quem nos tem ofendido,
não nos deixei cair em tentação mas
livrai-nos do mal.
Amém.*